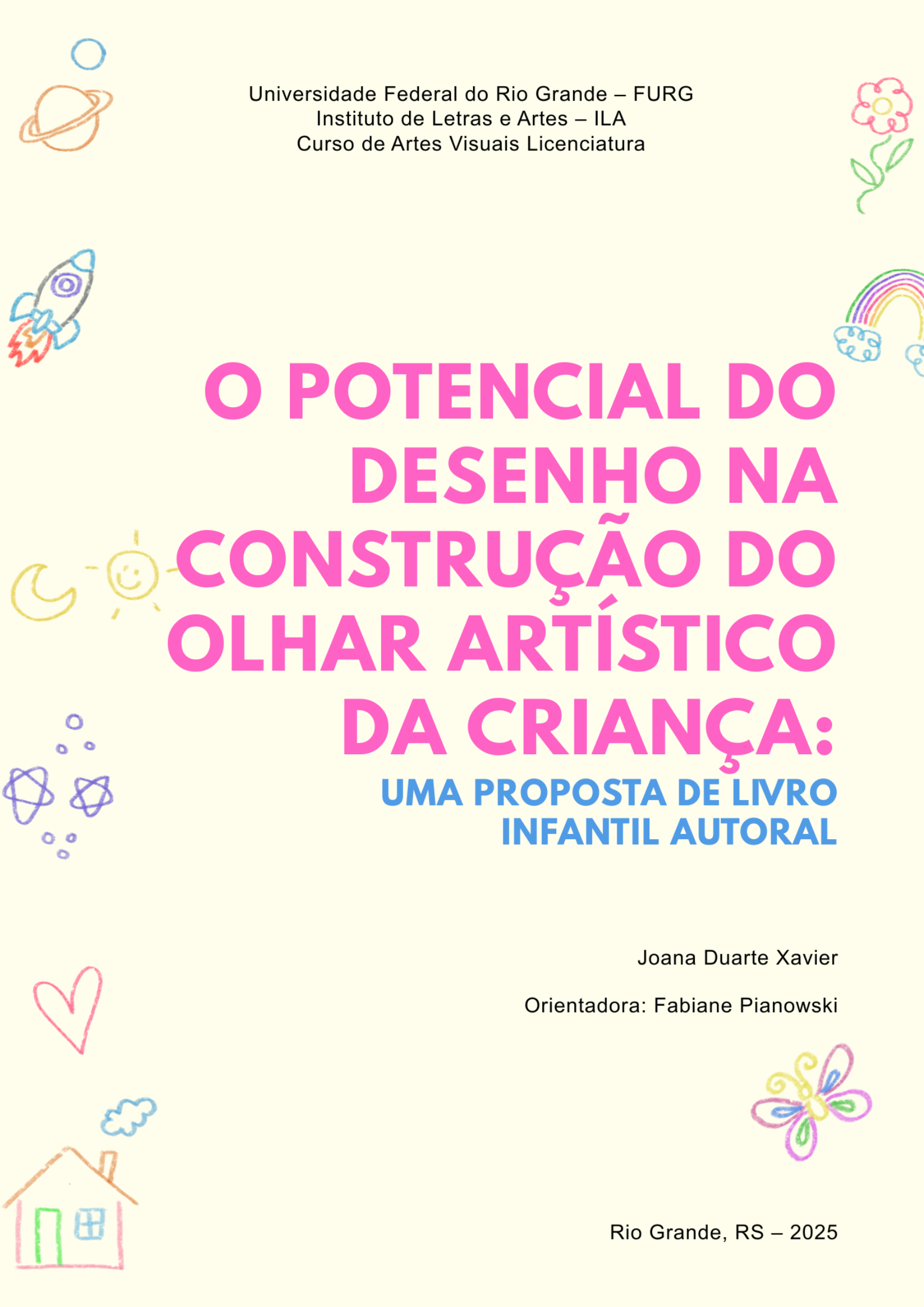


Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Letras e Artes – ILA
Curso de Artes Visuais Licenciatura



O POTENCIAL DO DESENHO NA CONSTRUÇÃO DO OLHAR ARTÍSTICO DA CRIANÇA: UMA PROPOSTA DE LIVRO INFANTIL AUTORAL

Joana Duarte Xavier

Orientadora: Fabiane Pianowski

Rio Grande, RS – 2025

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Letras e Artes – ILA
Curso de Artes Visuais Licenciatura

Joana Duarte Xavier

**O POTENCIAL DO DESENHO NA CONSTRUÇÃO DO OLHAR ARTÍSTICO DA
CRIANÇA: UMA PROPOSTA DE LIVRO INFANTIL**

Orientadora: Fabiane Pianowski

Rio Grande, RS – 2025

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Letras e Artes – ILA
Curso de Artes Visuais Licenciatura

Joana Duarte Xavier

**O POTENCIAL DO DESENHO NA CONSTRUÇÃO DO OLHAR ARTÍSTICO DA
CRIANÇA: UMA PROPOSTA DE LIVRO INFANTIL**

Monografia apresentada à
Universidade Federal do Rio
Grande – FURG, como requisito
para obtenção do grau de
Licenciatura em Artes Visuais.

Orientação: Fabiane Pianowski

Rio Grande, RS – 2025

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, agradeço aos meus familiares e ao meu companheiro, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram nos momentos de dificuldade, seja financeiramente e principalmente emocionalmente. Em especial à minha mãe, que me incentivou a sonhar com essa graduação quando nem eu mesma acreditava que era possível, e ao meu pai, que me ensinou a persistir e seguir firme e forte até o final. À minha rica mãezinha Oxum, por me amparar nos momentos difíceis, por iluminar a minha vida e me mostrar que tudo faz sentido se for feito com amor. Aos meus amigos e colegas de curso, que me acompanharam nessa jornada cheia de altos e baixos, seja compartilhando experiências, seja oferecendo palavras de apoio. À minha orientadora, pela paciência e pelos ensinamentos valiosos que contribuíram para o meu crescimento; muito obrigada por ser mais que uma professora: uma amiga, que me incentivou e me colocou pra cima em diversos momentos. Aos professores do curso de artes visuais, que sempre foram tão pacientes e que me mostraram caminhos que jamais conheceria se não fosse eles; e à Equipe de Extensão da Furg, que para a minha sorte, tornaram-se meus grandes amigos. Agradeço imensamente a todos esses afetos que fizeram e fazem parte da minha vida nesses longos 7 anos, tantas coisas aconteceram... vocês estiveram ao meu lado em todos esses momentos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Joana Xavier, “coelhos”, 2005.....	11
Figura 2 - Joana Xavier, “sem título”, 2005.....	12
Figura 3 - Joana Xavier, autorretrato, 2008.....	13
Figura 4 - Joana Xavier, “retrato da minha melhor amiga Yasmin”, 2009.....	13
Figura 5 - Joana Xavier, “Amy”, 2015.....	15
Figura 6 - Desenho de Onfim.....	17
Figura 7 - Joana Xavier, “Desenvolvimento do personagem Pedro”, 2025.....	24
Figura 8 - Joana Xavier, “Organização das páginas e ilustrações do livro”, 2025.....	25
Figura 9 - Joana Xavier, “Resultado final da montagem do livro”, 2025.....	25
Figura 10 - Joana Xavier, “Pedro: processo de desenvolvimento do personagem”, 2025.....	26
Figura 11 - Joana Xavier, “Páginas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 ilustradas do livro”, 2025.....	27
Figura 12 - Joana Xavier, “Páginas 8, 9 e 10 ilustradas do livro”, 2025.....	28
Figura 13 - Joana Xavier, “Páginas 11, 12, 13 e 14 ilustradas do livro”, 2025.....	29
Figura 14 - Joana Xavier, “Páginas 15, 16, 17 e 18 ilustradas do livro”, 2025.....	30
Figura 15 - Joana Xavier, “Páginas 20, 21, 22 e 23 ilustradas do livro”, 2025.....	32
Figura 16 - Joana Xavier, “Páginas 25, 26 e 27 ilustradas do livro”, 2025.....	33
Figura 17 - Joana Xavier, “Páginas de atividade: Experimentando outras formas de fazer desenho”, 2025.....	34
Figura 18 - Joana Xavier, “Páginas de atividade: Desenhando com o corpo todo”, 2025.....	35
Figura 19 - Joana Xavier, “Páginas de atividade: O que pode ser essa forma?”, 2025.....	36
Figura 20 - Joana Xavier, “Páginas de atividade: Pinte como Pollock”, 2025.....	37
Figura 21 - Joana Xavier, “Contação da história no Educandário coração de Maria, 4º ano”, 2025.....	40
Figura 22 - Joana Xavier, “Crianças interagindo com a contação da história, 4º ano”, 2025.....	40
Figura 23 - “Com o que você sonha?”, desenho de um aluno do 4º ano.....	41

Figura 24 - “Desenhos diversos relacionados à todas as questões motivadoras”, desenho de uma aluna do 4º ano.....	42
Figura 25 - “Desenhos respondendo às questões motivadoras”, desenho de uma aluna do 4º ano.....	42
Figura 26 - “Desenhos de um menino que sonha em ser jogador de futebol”, aluno do 4º ano.....	43
Figura 27 - “Autorretrato inspirado no Abaporu”, aluna do 4º ano.....	43
Figura 28 - “Contaçon da história no Educandário coração de Maria, 5º ano”, 2025.....	44
Figura 29 - “Estudantes do 5º ano, processo de desenvolvimento da atividade”, 2025.....	44
Figura 30 - “Autorretrato do Valter”, 2025.....	45
Figura 31 - “História de Valter”, 2025.....	45
Figura 32 - “Desenho de um aluno do 5º ano”, 2025.....	46
Figura 33 – “Desenho de Alice e Nicolly”, 2025.....	47
Figura 34 – “Autorretrato e história de uma aluna do 5º ano”, 2025.....	47

RESUMO

O trabalho apresentado se refere ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Artes Visuais/Licenciatura, que tem como tema o desenho como incentivador do olhar artístico da criança. O estudo parte de uma abordagem autobiográfica, relacionando minha trajetória pessoal com o desenho desde a infância até a docência, e tem como objetivo refletir sobre o papel do desenho no desenvolvimento criativo e expressivo das crianças. A pesquisa resultou na criação de um livro infantil paradidático voltado à experimentação em desenho, buscando incentivar o ato de desenhar de forma livre, lúdica e afetiva. Fundamentado em autoras como Edith Derdyk (2010), Rosa Iavelberg (2013) e Ana Mae Barbosa (2008), o trabalho une teoria e prática, reafirmando o desenho como linguagem, forma de conhecimento e instrumento de aprendizagem.

Palavras-chave: Desenho. Infância. Arte-educação. Livro infantil.

RESUMEN

El trabajo presentado se refiere al Proyecto Final de Carrera (TFC) de Artes Visuales/Licenciatura, que se centra en el dibujo como catalizador de la visión artística infantil. El estudio, de carácter autobiográfico, conecta mi trayectoria personal con el dibujo, desde la infancia hasta la docencia, y busca reflexionar sobre el papel del dibujo en el desarrollo creativo y expresivo infantil. La investigación dio como resultado la creación de un libro infantil complementario centrado en la experimentación con el dibujo, buscando fomentar el dibujo libre, lúdico y afectivo. Basado en autores como Edith Derdyk (2010), Rosa Iavelberg (2013) y Ana Mae Barbosa (2008), el trabajo combina teoría y práctica, reafirmando el dibujo como lenguaje, forma de conocimiento y herramienta de aprendizaje.

Palabras clave: Dibujo. Infancia. Educación artística. Libros infantiles.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – MEMÓRIAS DE UMA DESENHISTA	
1.1. Minha relação de afeto com o desenho.....	10
1.2. Uma breve história sobre o desenho.....	16
1.3. O que é o desenho e para que serve?.....	18
CAPÍTULO II – O LIVRO INFANTIL NO ENSINO DO DESENHO	
2.1. Desenvolvimento de materiais paradidáticos para o ensino de arte e desenho.....	19
2.2. Livro infantil: Pensando formas de ensinar sobre desenho.....	21
2.3. Processo de criação do livro.....	22
CAPÍTULO III – RELATO DA OFICINA	
3.1 Ação de Extensão: Contação da história “Pedro, o arteiro”.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo, conto um pouco da minha trajetória desde a infância até o momento que escolhi a docência. Desde muito cedo, o desenho esteve presente na minha vida, não apenas como uma atividade de lazer, mas como uma forma de expressão e autoconhecimento. Ainda criança, descobri que, com lápis e papel, era possível criar mundos inteiros e dar forma às minhas ideias, sentimentos e fantasias.

Atualmente, essa relação se transformou em uma busca por compreender o papel do desenho na formação humana e, mais especificamente, no contexto da arte educação. Essa trajetória pessoal despertou em mim o desejo de investigar como o ensino do desenho pode contribuir para o desenvolvimento criativo e sensível das crianças, e de que forma o professor pode atuar como mediador nesse processo.

Ao longo da minha formação como arte-educadora, percebi que muitas crianças, ao contrário do que se imagina, sentem medo ou vergonha de desenhar. Essa insegurança, muitas vezes, é resultado de críticas, comparações ou imposições de padrões estéticos que limitam a liberdade criativa e afastam o estudante da experiência prazerosa do ato de desenhar. Diante dessa constatação, surgiu a inquietação que orienta este trabalho: como incentivar as crianças a desenhar sem medo, valorizando o processo criativo e a expressão individual, e não apenas a técnica ou o resultado final?

A partir dessa questão, este Trabalho de Conclusão de Curso propõe refletir sobre o desenho como linguagem e instrumento de aprendizagem, analisando sua importância histórica, cultural e educacional. Além disso, apresento o processo de criação de um material paradidático (livro infantil) voltado ao ensino de desenho para crianças, que busca aproximar o fazer artístico do cotidiano escolar por meio de uma abordagem lúdica, afetiva e acessível. O projeto une minha trajetória pessoal com o ensino de arte, articulando teoria e prática na construção de um livro infantil que convida o leitor a experimentar, imaginar e se expressar através do desenho.

A fundamentação teórica deste trabalho dialoga com autores como Edith Derdyk (2010), Rosa Iavelberg (2013) e Ana Mae Barbosa (2008), que discutem o desenho como linguagem, processo de pensamento e forma de conhecimento. Assim, o objetivo geral deste estudo é investigar o papel do desenho no processo de ensino e aprendizagem das artes visuais, por meio do desenvolvimento de um material paradidático que estimule a imaginação e a liberdade criadora das crianças.

Como objetivos específicos, pretende-se: compreender o desenho como forma de conhecimento e expressão; refletir sobre a importância do incentivo à criação no ensino de arte; e desenvolver um material que possa servir de apoio pedagógico ao professor, valorizando a diversidade e o protagonismo dos estudantes.

Este trabalho está estruturado em três capítulos: o primeiro capítulo aborda a trajetória pessoal e o contexto histórico e conceitual do desenho, discutindo sua relevância como linguagem e forma de pensamento; o segundo capítulo trata do desenvolvimento de materiais paradidáticos voltados ao ensino de arte, neste caso um livro infantil, com atividades interativas durante a leitura e sugestões de atividades para serem feitas em sala de aula e, por fim, apresenta o processo criativo e as etapas de elaboração do livro infantil, detalhando as escolhas estéticas, pedagógicas e simbólicas; o terceiro e último capítulo, relata a experiência da oficina em um projeto de extensão, na qual o livro foi experimentado com crianças.

Dessa forma, este TCC busca unir a experiência pessoal e a prática educativa, reafirmando o desenho como um espaço de liberdade, criação e conhecimento.

CAPÍTULO I

MEMÓRIAS DE UMA DESENHISTA

1. Minha relação de afeto com o desenho

Não consigo lembrar exatamente em que momento eu decidi gostar de desenhar e de me dedicar a aprender a desenhar, mas lembro vividamente que em quase todas as minhas fases o desenho e a vontade de aprender sobre desenho estavam ali presentes. Quando criança, desenhava apenas por desenhar, desenhava porque crianças fazem isso, é uma forma de se comunicar e se desenvolver. Minha mãe sempre diz que eu “aprendi a brincar de desenhar antes de aprender a falar”. E por muito tempo brinquei de desenhar, nas datas comemorativas como aniversário e natal, quando a grana estava faltando, sempre ganhava de presente uma caixinha de lápis de cor e folhas de ofício ao invés de brinquedos e com esses dois materiais percebi que era possível criar meu próprio mundinho. Desde cedo via potencial no desenho.

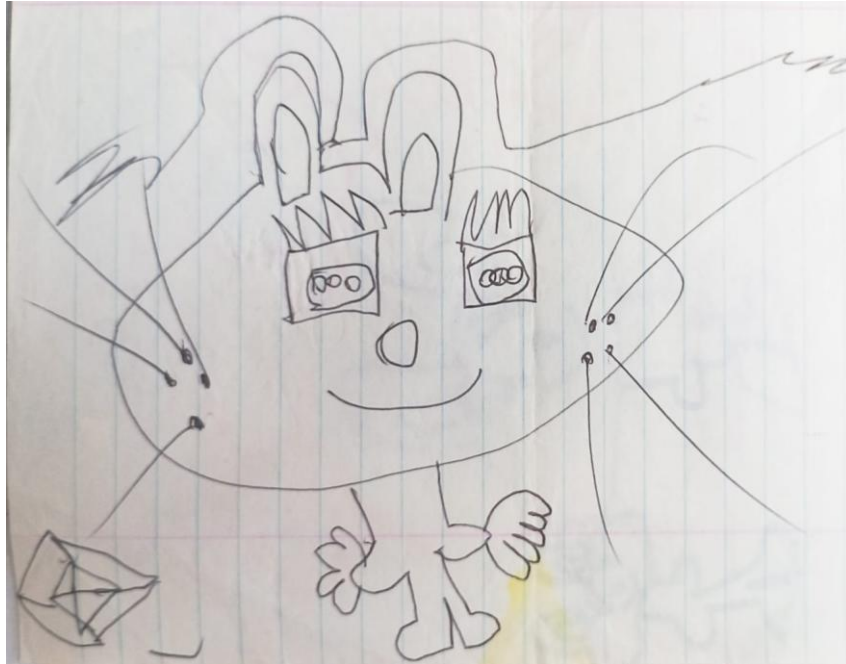
Fazia minha própria casinha de boneca em desenho 2D, com direito a personagem que trocava de roupa! Usava toda a minha criatividade com o que eu tinha. Por algum motivo, provavelmente por influência dos desenhos animados que assistia na TV, gostava muito de desenhar animais que possuíam uma vida humana e criava histórias sobre esses personagens (figuras 1 e 2).

Figura 1 - Joana Xavier, “coelhos”, 2005, caneta hidrocor sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 2 - Joana Xavier, “sem título”, 2005, caneta esferográfica sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

Quando os adultos perceberam que desenhar era uma das atividades que eu mais gostava de fazer, começaram a impor algumas regras que para mim não faziam o menor sentido. Eu me questionava sempre o porquê de ter uma regra a ser seguida... Eles diziam “mãos têm cinco dedos”, mas e se, no meu mundinho, as mãos não tiverem dedos? Porque as coisas precisavam de receitas prontas para serem feitas?

Essa questão perdurou na minha cabeça por alguns anos, e então, em meados de 2007 minha mãe tentou me matricular na Escola de Belas Artes. Ela achou que seria uma boa ideia já que sempre me mostrei muito interessada em desenho e pintura. A tentativa foi em vão, não conseguimos uma vaga e também não entendia porque aquilo era importante, mas continuei fazendo o que gostava: brincar de desenhar.

Depois da minha obsessão por desenhar animais, comecei a desenhar figuras humanas, especialmente meninas e mulheres. Esse gosto pelo desenho da figura humana e em especial a figura “feminina” existe até hoje.

Na figura 3, mostro um auto retrato que fiz, não de como eu era exatamente, mas de como eu imaginava que seria depois de mais velha. Percebe-se minha teimosia — ou quem sabe dificuldade? — em desenhar mãos. Para que dedos? Eu não precisava desenhar isso!

Figura 3 - Joana Xavier, autorretrato, 2008, lápis de cor sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

Já na figura 4, é a representação da minha melhor amiga da escola na época. Também gostava de desenhar para presentear as pessoas que gostava e que faziam parte da minha vida.

Figura 4 - Joana Xavier, “retrato da minha melhor amiga Yasmin”, 2009, caneta hidrocor sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

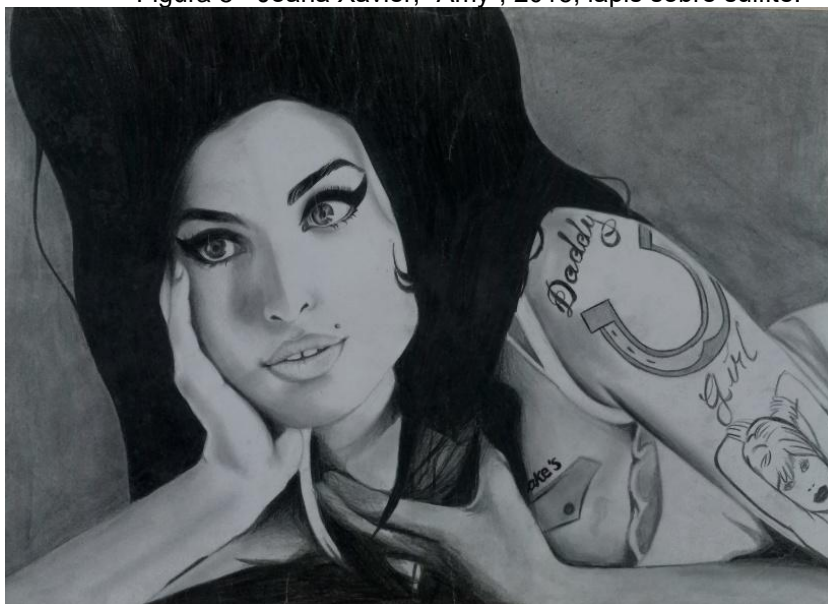
Desenhar sempre foi meu “hobby” favorito, eu não tinha a menor vontade de fazer coisas que fossem extremamente bonitas ou certinhas, eu apenas gostava de passar meu tempo brincando com os materiais, costumava ficar horas concentrada fazendo esses desenhos e nem via o tempo passar. Na escola, alguns professores notaram que eu gostava de desenhar no verso das minhas provas de matemática — que reprovei em quase todas — sempre tinham desenhos. Hoje percebo que recebi muito apoio de algumas pessoas, desde familiares, professores e amigos, hoje sou muito grata a todos eles.

Durante minha adolescência comecei a estudar desenho porque achava que era uma das poucas coisas em que eu era boa e que chamavam a minha atenção, especificamente o desenho realista e que necessita de um trabalho mais minucioso. Sempre gostei de fazer coisas cheias de detalhes, achava terapêutico. Me dei muito bem nisso, mesmo não concordando muito com aquela ideia idiota de “desenho bonito” ter que ser a representação fiel da realidade. Aprendi muito facilmente a fazer desenhos de observação, no entanto, sempre tive a sensação de que faltava algo nos meus desenhos.

Apesar de gostar muito do realismo, por ser um trabalho mais detalhado, sempre achei esse estilo de desenho um pouco vazio de essência e significado. Acredito que boa parte da minha capacidade de criar foi tolhida na infância, e, por isso, hoje, sempre que posso, procuro me preocupar mais com a criação das coisas, e não apenas em copiá-las. Tanto para mim quanto para os alunos com quem já tive contato, busco sempre incentivar a criatividade acima de qualquer técnica.

Na figura 5, desenho intitulado “*Amy*”, feita por mim em 2015, apresento um exemplo de como eram os meus desenhos na época: geralmente feitos apenas com lápis 6B, em uma folha de papel sulfite. Costumava retratar artistas de quem gostava, especialmente mulheres.

Figura 5 - Joana Xavier, "Amy", 2015, lápis sobre sulfite.



Fonte: Acervo Pessoal.

Aos 15 anos minha mãe, e maior incentivadora disso tudo, me matriculou na Escola de Belas Artes, com a ajuda do meu professor de matemática da época. Estudei por um ano e acabei desistindo por falta de grana e também pela distância. Esse tempo estudando no Belas Artes aflorou em mim a vontade de trabalhar com desenho, ficava pensando em formas de evoluir para que o desenho servisse para alguma coisa. Hoje em dia, não acho que a única finalidade do desenho seja o trabalho, e procuro mantê-lo também como hobby ou como uma forma de me expressar diante do mundo, para que essa relação de afeto que tenho com o desenho não se perca novamente.

Por um tempo, desisti do desenho. Achei que não fazia muito sentido continuar insistindo em algo que aparentemente não me daria futuro. Já formada no ensino médio, decidi arrumar um emprego e deixar de lado a vontade de trabalhar com desenho. Algum tempo depois, tive a sorte de entrar na faculdade. Escolhi licenciatura sem saber muito bem o que estava fazendo e, por acaso, me encontrei.

Quando tive minha primeira experiência com a docência, por meio do PIBID, e alguns anos depois no Estágio Obrigatório, percebi que muitas crianças se sentiam incapazes de desenhar. Na verdade, muitas delas tinham pavor! E então, os questionamentos que ficavam minha cabeça na infância voltaram com força. O que está por trás desse comportamento? No entanto, se pode observar que as crianças sabem desenhar, apenas passaram a acreditar que a forma como o fazem é que está

errada. Essa sensação de impotência com relação ao desenho vindo das crianças pode dar-se devido aos professores, segundo Rosa Lavelberg,

Se os professores criticam negativamente os desenhos das crianças, na maioria das vezes é porque os julgam imperfeitos. Expressam isso aos alunos, gerando sentimentos de insegurança e incompetência. Classificam os desenhos como feios ou bonitos na frente de todos os colegas, desqualificando o aluno e rotulando-o como 'incapaz de desenhar'. Entretanto, trata-se de uma atividade que todos podem aprender. (Lavelberg, 2013, p.42)

Além disso, desenhar é muito mais simples do que parece: basta pegar um material que solte pigmento e passá-lo sobre uma superfície, formando pontos, linhas e planos. O desenho, principalmente o infantil, não precisa necessariamente apresentar formas perfeitas ou reproduzir a realidade.

Mas como incentivar as crianças a praticarem o desenho? De que forma, enquanto arte-educadora, posso contribuir para a formação desses pequenos, incentivando-os a criar, conhecer e se desenvolver por meio do desenho?

Diante dessa problemática, senti-me provocada a pesquisar formas de despertar o interesse das crianças pelo desenho e formas de cultivá-lo.

1.2 Uma breve história sobre o desenho

Desde a pré-história, já temos registros de que nós, humanos, desenhávamos nas paredes das cavernas. O desenho acompanha o homem desde os tempos antigos. Os primitivos “homens das cavernas” desenhavam animais e pessoas, e acredita-se que esses desenhos faziam parte de rituais religiosos. A explicação mais provável para isto é, segundo Gombrich (2015), que o pensamento desses caçadores primitivos era que, se fizessem uma imagem de sua presa — e talvez a surrassem com suas lanças e machados de pedra — os animais verdadeiros também sucumbiriam ao poder deles. Por outro lado, podemos interpretar que o desenho também surgiu como uma forma de comunicação, facilitando o desenvolvimento da linguagem e que pode ter sido precursor da escrita.

No contexto do desenho infantil, temos registros do século XIII do Onfim (figura 6), um menino que vivia na Rússia em Novgorod e que desenhava a vida da época a partir da sua perspectiva infantil. Segundo o professor Paulo Alexandre Filho, o menino chamado “Onfim”

[...] foi registrando em tábuas várias coisas que eram de seu interesse por meio de desenhos e textos. Lições aprendidas em sua experiência educacional também foram gravadas [...] Onfim tinha sonhos. Ele gostaria de

ser um cavaleiro e expressou isso num de seus desenhos, no qual o próprio Onfim era retratado como um cavaleiro. Cenários de guerras e de mortes não eram estranhos para o menino, pois elas também foram retratadas. (Alexandre Filho, 2017, n.p)

Figura 6 – Desenho de Onfim.



Fonte: <https://historiablog.org/2017/02/20/registros-arqueologicos-medievais-feitos-por-uma-crianca/>

É muito interessante observar como as crianças desde aquela época já utilizavam o desenho como uma ferramenta de expressão, tanto do sonho/desejo como um reflexo de como é o seu dia-a-dia, assim como está exemplificado no desenho de Onfim, na figura 6.

No período da Antiguidade, o desenho frequentemente tinha relação com a religião e refletia a cultura e visão de mundo da época; era uma ferramenta muito utilizada nos templos sagrados dos egípcios, contavam suas histórias de vida e até mesmo de vida pós a morte. Geralmente representavam a natureza e as divindades, sempre com algumas distorções físicas e de perspectiva, Gombrich (2015) acredita que eles seguiam meramente uma regra que lhes permitia incluir tudo o que consideravam importante na forma humana. Na Grécia, eles buscavam por perfeição e harmonia através dos desenhos; os desenhos eram feitos em cerâmicas que geralmente possuíam formas geometrizadas ou figuras humanas.

No Renascimento, o desenho ganha perspectiva e passa a retratar a realidade mais fielmente, diferente do que acontecia na Idade Média, por exemplo. Os artistas da época tinham um conhecimento mais aprofundado sobre a anatomia humana, eram mestres do desenho.

Com a chegada das máquinas e a revolução industrial, surgiu o desenho técnico, voltado para a projeção de máquinas, e, logo em seguida, com a chegada das máquinas fotográficas, o desenho e a pintura passaram por muitas transformações, não era mais necessário retratar fielmente as imagens, visto que já tínhamos outras ferramentas para exercer a mesma função que o desenho. Com o passar do tempo, o desenho começou a ser utilizado de diversas formas, e reconhecido como o precursor da fotografia e do cinema.

E, desde então, o desenho vêm se reinventando e encontrando outras formas de ser, hoje temos as charges, cartuns, desenhos artísticos, mangás e tudo mais que se possa imaginar, porque o desenho está por trás de quase todas as coisas, na cadeira que sentamos, na embalagem que abrimos, na casa que habitamos... No contexto do material paradidático, o desenho e a ilustração têm um papel fundamental como ferramenta de comunicação, por exemplo.

Mas porque o desenho continua sendo tão importante, mesmo depois de tantos anos? Como afirma Edith Derdyk,

Apesar de sua natureza transitória, o desenho, uma língua tão antiga e permanente, atravessa a história, atravessa todas as fronteiras geográficas e temporais, escapando da polêmica entre o que é novo e o que é velho. Fonte original de criação e invenção de toda sorte, o desenho é exercício da inteligência humana.

O ato de desenhar exige poder de decisão. O desenho é posse, é revelação. Ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o. O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sim e não da sociedade. (Derdyk, 2010, p.60)

Ou seja, o desenho neste contexto pode ser visto como uma forma de conhecer e se apropriar do mundo em que vivemos; é pensamento, liberdade e expressão humana.

1.3 o que é desenho e para que serve?

Segundo o dicionário, a palavra “*desenho*” pode significar:

Representação de formas por meio de linhas, pontos ou manchas em uma superfície. 2 Conjunto de linhas e contornos de uma figura. 3. Delineamento; traçado. (Luft, Celso Pedro, 2000. p. 231)

Ou seja, no sentido material e literal, o desenho pode ser muita coisa. Desenhar é uma capacidade natural do ser humano de representar imagens, tanto imagens reais do seu cotidiano, quanto imagens fictícias, inventadas pela mente humana. Mas o

desenho, sobretudo, é uma linguagem e possui um sistema de comunicação e de elementos como junção de pontos, linhas, formas e cores, que são universais. No entanto, o que escolhemos representar através dessas imagens, tem relação com o contexto cultural em que nós vivemos. Um desenho pode ser feito com diversos instrumentos, como lápis, pincel, entre outros e é essencialmente uma composição bidimensional.

Na educação, especialmente na infância, o desenho é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e motor. Edith Derdyk (2010, p.48) destaca que o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. Derdyk defende que desenhar é um modo de investigar, de experimentar relações entre formas, espaços e sentidos.

Além disso, o desenho não é apenas um recurso artístico, mas também uma forma de pensar. O desenho nos ajuda a compreender o que vemos. Ou seja, desenhar não é apenas copiar a realidade, mas interpretá-la, resignificá-la e recriá-la com base na subjetividade de quem desenha. Isso mostra que o desenho também é uma forma de conhecimento. Para Barbosa (1995) a criança utiliza o desenho como uma forma de investigar e compreender o mundo ao seu redor, além de criar conexões com ele. Isso acontece porque o desenho tem uma maneira única de expressar ideias, imagens e símbolos, podendo se manifestar por meio de diferentes materiais e suportes.

No campo do ensino das artes visuais, o desenho se apresenta como um meio de se expressar, mas também como uma linguagem que pode ser aprendida e aperfeiçoada. É essencial que o ensino do desenho vá além da técnica, valorizando o processo criativo e as experiências sensoriais dos educandos.

Nesse sentido, o desenho serve para comunicar, expressar, registrar, aprender, investigar, imaginar e sentir. Ele é tanto uma linguagem quanto um modo de pensar visualmente. É uma ótima ferramenta para a educação, para a arte, para o design, para a ciência e para a vida cotidiana. Ao valorizar o desenho como parte do nosso desenvolvimento, reconhecemos sua importância como forma de conhecimento e como expressão da singularidade de cada sujeito.

CAPÍTULO II

O LIVRO INFANTIL NO ENSINO DO DESENHO

2.1 desenvolvimento de materiais paradidáticos para o ensino de arte e desenho

O ensino de arte e desenho nas escolas desempenha um papel essencial na formação dos educandos, contribuindo não apenas para o desenvolvimento estético e criativo dos pequenos, mas também para a construção de habilidades cognitivas, emocionais e também sociais. Dentro desse contexto, os materiais paradidáticos surgem como ferramentas complementares ao tão polêmico livro didático tradicional, oferecendo uma abordagem mais lúdica e interativa para o ensino. O desenvolvimento desses materiais exige um olhar sensível às necessidades dos estudantes e às diretrizes curriculares da educação básica. É preciso que este material seja elaborado de maneira que o que está sendo ensinado dialogue com o cotidiano dos estudantes. Mas de que maneira podemos fazer isso?

O ensino da arte deve ser visto como uma prática que vai além da técnica. Ele envolve interpretação, reflexão e expressão pessoal. Para que essas dimensões possam ser exploradas de forma significativa, é necessário que os recursos didáticos utilizados dialoguem com o cotidiano dos alunos e incentivem a experimentação. É nesse sentido que os materiais paradidáticos se tornam aliados importantes. E esses materiais podem ser feitos de diversas formas, como livros ilustrados, cadernos de atividades, jogos, vídeos, fanzines, entre outros, e devem ser elaborados de modo que estimulem a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes.

O desenvolvimento desses materiais exige uma compreensão teórica do papel da arte na educação. A Base Nacional Comum Curricular enfatiza que,

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. (BNCC, 2018, p. 193)

Dentro das linguagens artísticas, o desenho parece uma das práticas mais acessíveis pois exige poucos recursos para sua realização e permite várias formas de expressão, visto que também é uma linguagem muito ampla. Assim, materiais paradidáticos voltados para o desenho devem considerar tanto os aspectos técnicos,

como linha, forma, cor, composição, quanto os aspectos subjetivos e culturais, valorizando a diversidade dos estudantes.

Além disso, é importante considerar que muitos estudantes não tiveram muito contato com arte/desenho devido à falta de atividades que explorem essas áreas ou até mesmo a ausência de materiais adequados nas escolas públicas. Portanto, os materiais paradidáticos precisam acolher a pluralidade de formas de desenhar, reconhecendo que todo estudante é capaz de desenvolver sua própria linguagem, desde que tenha espaço e incentivo para isso.

No processo de criação desses materiais, é fundamental que o/a arte-educador/a assuma uma postura mais criativa, buscando conteúdos que despertem o interesse dos estudantes, promovam diálogos e valorizem as expressões culturais locais. Por exemplo, a elaboração de atividades que se relacionem com obras de artistas brasileiros, como Tarsila do Amaral, que foi a artista escolhida para estar no meu livro, ou demais artistas que, de alguma forma, possam gerar uma identificação com os/as leitores/as.

Outro aspecto que acredito ser importante é a acessibilidade. Esses materiais devem ser elaborados de maneira que sejam inclusivos, considerando diferentes níveis de aprendizagem e as condições de acesso. Utilizar imagens, linguagem clara e propostas práticas que sejam possíveis de serem realizadas em ambientes com poucos recursos.

Pesquisas como as de Barbosa (2010) reforçam a importância de uma abordagem pedagógica que considere a arte como produção de sentido. Para ela, a educação artística deve estar conectada à vida, às experiências dos alunos e aos contextos socioculturais. Ou seja os materiais paradidáticos não devem apenas ensinar a desenhar "corretamente", mas incentivar a compreender, interpretar e representar o mundo através do desenho. No entanto, o desenvolvimento de materiais paradidáticos para o ensino de arte e desenho deve partir de uma concepção mais ampla de educação em arte, no qual o aprender a desenhar está relacionado ao aprender a olhar, pensar e criar. Eles não substituem, e não devem em hipótese alguma substituir o papel do/a professor/a, mas o potencializam, mostrando novos caminhos para o ensino de arte na escola e para cultivar a imaginação e a sensibilidade nas suas práticas educativas.

2.2 Livro infantil: pensando formas de ensinar sobre desenho

Ao pensar em formas de ensinar desenho para crianças, surgiram muitas dúvidas sobre qual seria a melhor ferramenta. No início, pensei em usar zines informativos para ensinar técnicas e dicas de desenho. Mas com o tempo, percebi que seria mais importante começar antes disso: despertar nas crianças a vontade e o interesse pelo desenho. Acredito que, na infância, mais do que aprender técnica, é essencial experimentar, olhar, tocar, sentir e matar a curiosidade.

Com essa ideia, decidi criar um livro infantil, que também pode ser chamado de material paradidático, assim unindo meu gosto por ilustrar, minhas memórias afetivas e o ensino do desenho. O livro fala sobre o medo e a insegurança que muitas crianças sentem diante do ato de desenhar, algo que observei em sala de aula, e mostra que isso pode ser superado pela experimentação, pelo contato com diferentes materiais e pela inspiração em artistas ligados à cultura onde a criança vive.

Produzir esse material não foi uma tarefa fácil. Além de ilustrar, precisei me arriscar como escritora de literatura infantil, o que é um grande desafio, já que está fora da minha área de atuação. Como já mencionei antes, minha maior preocupação com esta pesquisa, era criar uma história que se conectasse com as crianças que vão ler e realizar as atividades propostas. Por isso, o primeiro passo foi pensar no público alvo. Além da narrativa, também elaborei atividades interativas que estarão espalhadas ao longo do livro, estimulando os/as leitores/leitoras a participarem ativamente da narrativa. A intenção é que essas páginas interativas funcionem como um espaço de expressão, onde a criança possa desenhar, escrever ou simplesmente deixar fluir suas ideias e sentimentos, estabelecendo uma relação mais pessoal com o livro. Essa interação tem como objetivo reforçar o caráter educativo e sensível, aproximando o/a leitor/a do universo do personagem e do universo artístico também. Assim, o livro não apenas conta a história do personagem, mas também abre espaço para que cada criança possa construir a sua própria história e se reconhecer como sujeito criador.

Além das minhas experiências em sala de aula, algumas referências indiretamente também me inspiraram na criação desse material. Um dos livros que me marcou foi “O Ponto”, de Peter H. Reynolds (2009), que conta a história de uma menina que acreditava não saber desenhar, mas descobre que o desenho pode

começar com algo simples, como um ponto. Através da experimentação, ela desenvolve novas formas de criar esse “ponto” e percebe que pode sim ser uma artista. Essa narrativa reforçou minha vontade de mostrar às crianças que o desenho é um espaço de liberdade e descoberta.

Outro livro que despertou em mim o desejo de escrever para crianças foi “Amoras”, do Emicida (2018). Sempre me encantei com o universo infantil e com a literatura voltada para esse público, mas foi ao conhecer “Amoras” que esse desejo realmente floresceu. Apesar de abordar um tema totalmente diferente da minha proposta, esse livro me inspirou a acreditar que eu também poderia criar algo que unisse todas as coisas que eu gosto com a educação em arte.

2.3. processo de criação do livro

O processo de criação deste livro infantil deu-se em três etapas muito importantes e essenciais. O primeiro passo foi pensar em como seria o personagem: suas características físicas, gostos e forma de ser. Para isso, esbocei o personagem da maneira como imaginava que seria interessante, explorando diferentes formas e expressões faciais, como pode ser visto na Figura 7. Me inspirei bastante nos rostos dos personagens do filme “Luca” (2021), pois não costumo desenhar nesse estilo, o que foi um grande desafio para mim, especialmente por ainda não ter um estilo próprio definido. Esse esboço foi a primeira coisa que fiz quando decidi que faria o projeto do livro, o personagem sofreu algumas mudanças pequenas, mas continuou com a mesma essência.

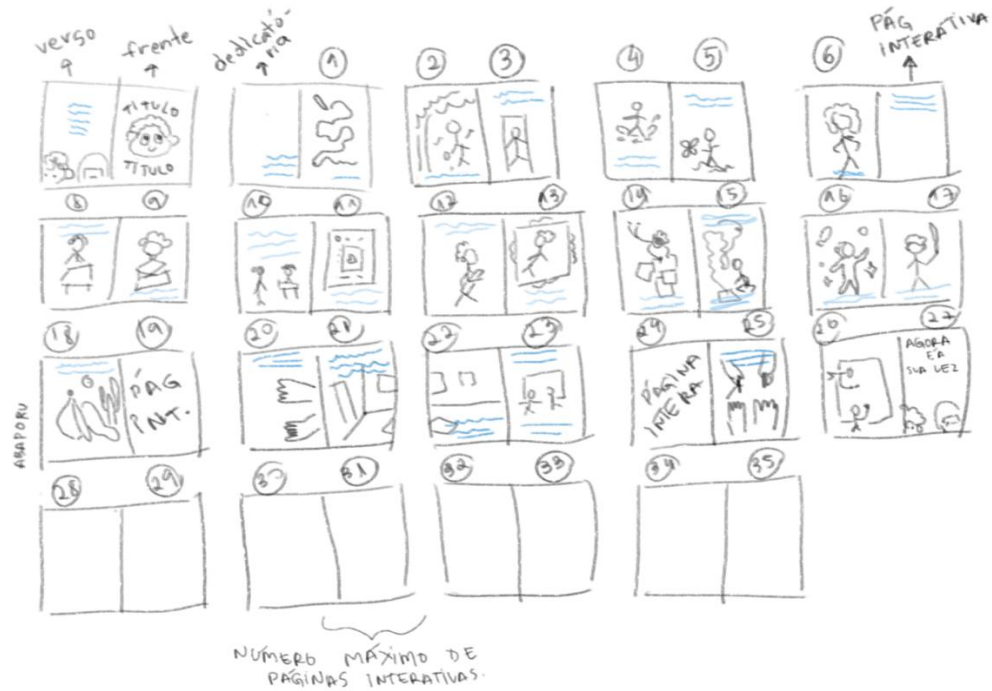
Figura 7 – Joana Xavier, “Desenvolvimento do personagem Pedro”, 2025, lápis sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

O segundo passo foi, naturalmente, focar na escrita e no desenvolvimento da história, para que, a partir dela, eu pudesse planejar os cenários que precisaria desenhar. Depois de pronta a história, que passou por muitas mudanças ao longo da criação das ilustrações, visto que tive que adequar muitas coisas e pensar em uma história que fizesse sentido com a minha proposta, fiz um esboço bem tosco de como imaginava que as páginas ficariam, desenhando de maneira bem simples os cenários e ilustrações de cada página, para que minhas ideias não se perdessem; organizei as escritas de forma que ficasse interessante e equilibrado com as ilustrações que seria colocado ao fundo. Na Figura 8, está exemplificado como foi pensada e organizada as páginas do livro; na Figura 9, está o resultado final.

Figura 8 – Joana Xavier, “Organização das páginas e ilustrações do livro”, 2025, desenho digital.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 9 – Joana Xavier, “Resultado final da montagem do livro”, 2025, técnicas mistas.



Fonte: Acervo Pessoal

O terceiro passo foi um pouco mais simples: a escolha dos materiais que utilizaria para ilustrar os desenhos. Optei, é claro, pela minha tão amada aquarela, acompanhada do lápis de cor, meu grande amigo de anos. Escolhi esses materiais porque já tenho experiência com eles, o que ajudaria bastante pois o meu tempo era

curto, e também porque tenho uma relação de afeto muito grande com esses dois materiais. No entanto, eu não imaginava que o maior desafio ainda estava por vir: desenhar cenários, diferentes posições dos personagens, expressões faciais e, principalmente, as temidas mãos. A Figura 10 mostra alguns esboços que retratam esse processo. Admito que foi bastante divertido me aventurar dessa forma, apesar do medo de não dar certo ou de não ter tempo suficiente.

Para a paleta de cores do personagem, escolhi vermelho e verde como cores principais, para os cenários escolhi cores mais claras e, por se tratar de um livro voltado ao público infantil, procurei transmitir uma sensação de conforto por meio das ilustrações. As cores predominantes no livro são o amarelo e o azul, cores complementares que, acredito, se relacionam bem com os sentimentos vividos por Pedro ao longo da história. Também busquei trazer elementos que deixassem evidente que Pedro é um menino brasileiro, procurando representar ao máximo sua identidade.

Figura 10: Joana Xavier, “Pedro: processo de desenvolvimento do personagem”, 2025, grafite sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

A história do personagem é bastante simples e começa com uma breve apresentação dele, mostrando as coisas que gosta de fazer quando está em casa. Tentei fazer um trocadilho com o fato de ele ser muito ativo e se colocar muitas vezes em situações perigosas, chamando-o de “arteiro” e dizendo que ele gosta de correr “riscos” já que o livro tem relação com o desenho.

Nas páginas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (Figura 11), faço uma introdução do personagem principal, Pedro, descrevendo as atividades que ele gosta de fazer quando está fora do ambiente escolar, já que o restante da história se passa dentro da escola. Cada página contém uma ilustração do personagem fazendo uma atividade que gosta. Achei importante apresentar um pouco sobre quem ele é, para gerar identificação com o/a leitor/a. Como é possível perceber pelas ilustrações, Pedro é um menino muito ativo: gosta de subir em árvores, escalar lugares inusitados, como o arco da porta, pular na lama, se sujar e, na primavera, caçar borboletas.

Além disso, apresentei uma personagem muito importante na vida de Pedro: sua mãe. É a partir dela que faço um trocadilho com o fato de ele ser um menino serelepe, arteiro e que vive se colocando em situações de risco, já que é justamente a mãe quem fica furiosa com suas travessuras.

Logo após essas páginas, inseri uma página em branco, de caráter interativo, com a pergunta motivadora: “Conte-nos com desenhos o que você gosta de fazer quando está em casa” para que a criança possa responder, por meio de escritas e/ou desenhos.

Figura 11 – Joana Xavier, “Páginas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 ilustradas do livro”, 2025, técnica mista.



Fonte: Acervo Pessoal.

Nas páginas 8, 9 e 10 (Figura 12), o personagem é inserido no contexto escolar, mais especificamente em uma aula de arte. Na página 8, observa-se que Pedro apresenta uma expressão de descontentamento. O texto narra que o personagem não gosta de desenhar, pois considera que seus desenhos nunca correspondem ao que imagina. Essa dificuldade gera frustração e faz com que ele desenvolva certa aversão às aulas de arte.

Na página 10, uma nova personagem é introduzida: a professora Marina. É a partir do diálogo estabelecido entre ela e Pedro, que para o menino pareceu confuso e sem sentido, que se inicia o processo de descoberta e experimentação com o desenho. Apesar da resistência, Pedro começa, ainda que de forma hesitante, a se envolver com a proposta da professora.

Para a composição visual dessas páginas, nas quais o personagem principal demonstra sentimentos de insatisfação e insegurança, optei por utilizar um fundo em aquarela azul com vários respingos de tinta, com o intuito de representar simbolicamente o estado emocional de Pedro nesse momento da narrativa.

Figura 12 – Joana Xavier, “Páginas 8, 9 e 10 ilustradas do livro”, 2025, técnica mista.



Fonte: Acervo Pessoal

No entanto, é a partir da insistência da professora Marina para que Pedro se arriscasse um pouco no desenho que o personagem começa a perceber que desenhar pode ser uma atividade prazerosa. Nas páginas 11, 12, 13 e 14 (Figura 13), ele passa por um processo de descoberta e experimentação com o desenho. Na página 11, busquei representar os materiais disponíveis para o personagem utilizar,

considerando que esses fossem de fácil acesso em escolas públicas, reforçando a importância da acessibilidade dos recursos artísticos no ambiente escolar.

Figura 13 – Joana Xavier, “Páginas 11, 12, 13 e 14 ilustradas do livro”, 2025, técnica mista.



Fonte: Acervo Pessoal

Nas páginas 12 e 13, Pedro demonstra maior empolgação e passa a explorar novas formas de desenhar, indo além do desenho tradicional feito na mesa, em uma folha pequena com lápis de cor. Nesses momentos, ele começa a experimentar diferentes suportes e formas de fazer o desenho, utilizando o próprio corpo como instrumento de criação.

Na página 14, o personagem é representado deitado no chão, cercado por diversos desenhos espalhados ao seu redor, evidenciando a bagunça e a criatividade que marcaram esse momento. Como o personagem demonstra alegria durante essa experiência, optei por utilizar um fundo aquarelado em tons de amarelo, a fim de transmitir uma sensação de leveza e diversão. Na página em que Pedro aparece

desenhando com o corpo, utilizei uma paleta mais variada e colorida, buscando reforçar visualmente o clima descontraído e de experimentação da cena.

Nas páginas que se seguem às anteriores (15, 16, 17 e 18), que estão na Figura 14, voltadas à experimentação, busquei expressar, por meio das ilustrações, as diversas possibilidades que as crianças podem explorar através do desenho. A intenção foi demonstrar que o ato de desenhar pode surgir de diferentes estímulos, como o sonho, a imaginação e a história, e que a partir dessa prática, a criança pode aprender muito sobre arte e sobre si mesma.

Figura 14 – Joana Xavier, “Páginas 15, 16, 17 e 18 ilustradas do livro”, 2025, técnica mista.



Fonte: Acervo Pessoal

Na página 15, o personagem descobre que, por meio do desenho e da arte, é possível “viajar no tempo”, conhecer a história e criar a partir dela. Já nas páginas 16 e 17, Pedro percebe que o desenho pode ser uma ferramenta de expressão da imaginação e dos sonhos, além de uma forma de brincar e se divertir. Na página 18,

ele aplica os conhecimentos adquiridos sobre arte ao desenhar um autorretrato inspirado em uma obra de Tarsila do Amaral, sendo representado segurando um lápis de cor, elemento simbólico da sua descoberta e apropriação do desenho.

De modo geral, nessas quatro páginas busquei representar as múltiplas possibilidades que o desenho pode proporcionar às crianças: a criação, a imaginação, a experimentação e a fruição artística. Nesses trechos, explorei uma paleta de cores mais ampla e vibrante, optando por composições diversificada. Confesso que essas ilustrações se tornaram as minhas favoritas do projeto, tanto pela liberdade criativa quanto pelo significado que representam no desenvolvimento do personagem.

Após o encerramento dessa sequência de páginas, inseri uma página interativa com a frase “E você, sonha com o quê?”. Essa proposta tem como objetivo convidar a criança leitora a refletir sobre seus próprios sonhos, imaginações e desejos, estimulando a participar ativamente da narrativa.

Nas páginas seguintes, 20, 21, 22 e 23 (Figura 15), o personagem Pedro percebe que fez muitos desenhos e se empolgou além do esperado com a atividade que inicialmente dizia não gostar. Além disso, é nesse momento que ele estabelece uma amizade inesperada. Na página 20, Pedro se dá conta de que suas mãos estão completamente sujas de tinta, sinal de sua imersão e envolvimento no processo criativo. Já na página 21, ele observa ao redor e percebe a dimensão que sua experimentação tomou, pois há desenhos espalhados por todos os lados da sala.

Na página 22, Pedro ouve uma batida na porta e é surpreendido pela visita de uma menina curiosa da turma ao lado. Ela entra na sala intrigada com a “bagunça” e, logo em seguida, demonstra interesse por um dos desenhos, questionando-o sobre a figura em que ele aparece com um pé gigante. Essa interação marca um novo momento da narrativa, em que o desenho se torna também um meio de comunicação e troca entre as crianças.

Após essa cena, inseri uma nova página interativa, convidando o leitor a realizar um autorretrato inspirado no estilo de Tarsila do Amaral, assim como Pedro fez. A proposta busca estimular a observação, criatividade e identificação do leitor com o processo artístico, reforçando esse caráter participativo do livro.

Figura 15 – Joana Xavier, “Páginas 20, 21, 22 e 23 ilustradas do livro”, 2025, técnica mista.



Fonte: Acervo Pessoal.

Nas páginas 25, 26 e 27 (Figura 16), a narrativa caminha para o desfecho da história. Quando a menina pergunta a Pedro como ele havia conseguido fazer todos aqueles desenhos, o personagem simplesmente estende as mãos, mostrando os materiais que havia recebido da professora Marina, e repete para ela o mesmo conselho que ouvira da professora. Diante dessa atitude, a menina, movida por sua curiosidade, decide imediatamente experimentar também. Dessa forma, além de se aventurar no universo da arte e do desenho, Pedro estabelece uma nova amizade.

Na página 25 illustrei as mãozinhas deles, Pedro com os lápis, que antes a professora teria oferecido a ele, materiais que ajudaram ele durante toda essa descoberta, e a menina com as mãos estendidas para pegar esses materiais. Na página 26, ambos são representados desenhando juntos em uma grande folha no

chão, simbolizando o compartilhamento dos saberes e a curiosidade, característica típica das crianças. Já na página 27, os dois personagens aparecem convidando o leitor a participar das próximas atividades que estão por vir, reforçando a proposta do livro interativo, como uma ferramenta pedagógica.

Figura 16 – Joana Xavier, “Páginas 25, 26 e 27 ilustradas do livro”, 2025, técnica mista.



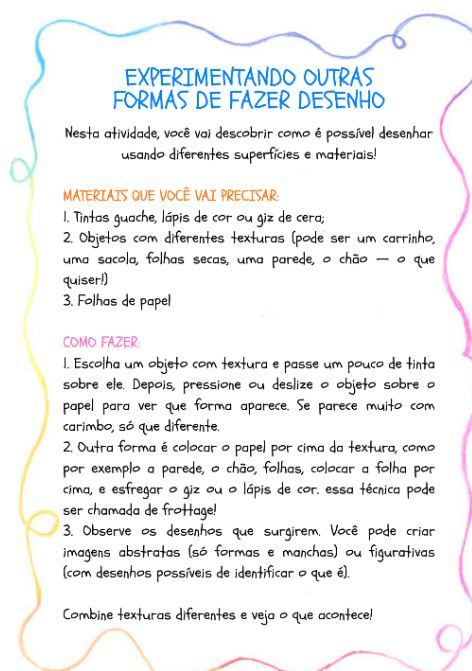
Fonte: Acervo Pessoal

Essas últimas quatro atividades consistem em práticas semelhantes às que Pedro vivencia ao longo da narrativa, porém foram organizadas ao final do livro com o objetivo de proporcionar ao leitor a oportunidade de colocar em prática as reflexões desenvolvidas durante a leitura. Além disso, por se tratar de um livro que pode ser utilizado tanto em casa quanto na escola, pensei em propor atividades divertidas e de experimentação, que ao mesmo tempo se relacionem com as habilidades previstas pela BNCC. Essas atividades contemplam as seguintes habilidades: (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais; (EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade; (EF15AR06) Dialogar sobre a própria criação e sobre as produções dos colegas, de modo a alcançar sentidos plurais.

A primeira proposta foi intitulada “Experimentando outras formas de fazer desenho”, e consiste em utilizar materiais diversos para criar texturas, pintando-as

com tinta e transferindo suas marcas para o papel — em um processo semelhante ao de um carimbo. Outra forma de “capturar” texturas é por meio da técnica chamada frottage, que consiste em posicionar objetos com relevos sob a folha e esfregar lápis ou giz sobre ela, revelando as formas. A ideia é que, a partir dessa experiência, as crianças percebam que há desenhos em todos os lugares e que é possível criar formas e texturas a partir de elementos inusitados. Abaixo, na Figura 17, está a imagem da página correspondente no livro.

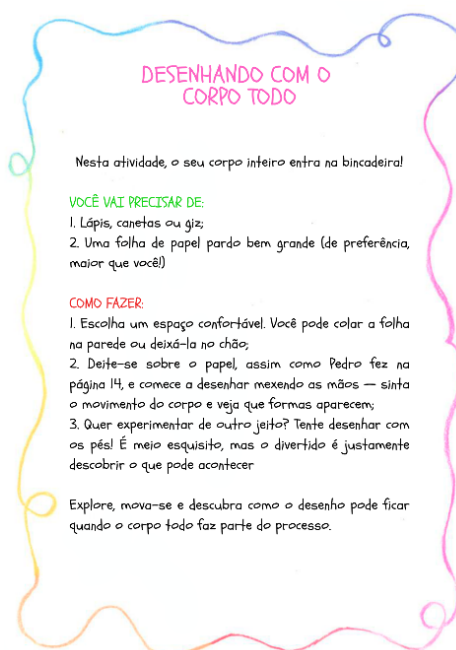
Figura 17 – Joana Xavier, “Páginas de atividade: Experimentando outras formas de fazer desenho”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

A segunda proposta, mostrada na Figura 18, se chama “Desenhando com o corpo todo”. Essa atividade é bem simples e aparece descrita ao longo do livro, já que, em determinado momento, o personagem principal também a realiza. Basicamente, ela consiste em desenhar deitado sobre um papel bem grande, usando o corpo todo e até os pés, por mais estranho que pareça. Decidi incluir essa atividade porque as crianças geralmente gostam mais de propostas que envolvem movimento, nas quais elas possam se expressar de maneira mais livre, explorando o corpo e se divertindo ao mesmo tempo.

Figura 18 – Joana Xavier, “Páginas de atividade: Desenhando com o corpo todo”, 2025.



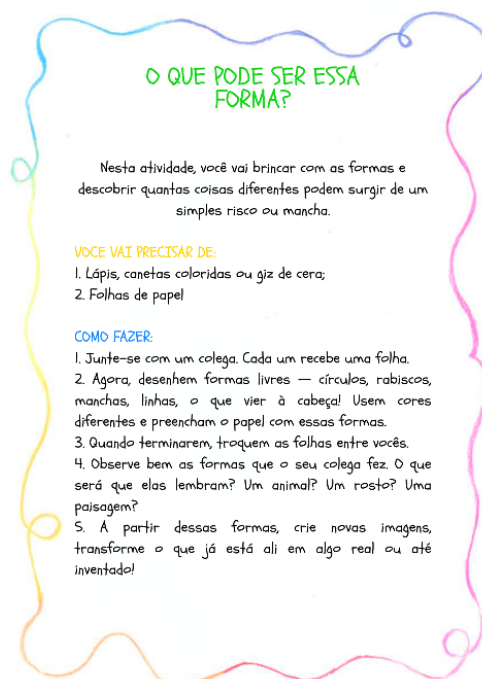
Fonte: Acervo Pessoal

Como eu não poderia pensar apenas em atividades individuais, já que acredito ser de extrema importância que as crianças aprendam a criar, dialogar e pensar juntas, elaborei a terceira proposta em duplas, intitulada “O que pode ser essa forma?”.

Essa atividade, apresentada na Figura 19, propõe um exercício de imaginação e colaboração. As crianças são organizadas em duplas, e cada uma cria livremente manchas, formas e texturas em sua folha, utilizando diferentes materiais, cores e técnicas. Em seguida, elas trocam as produções entre si, e cada uma deve continuar o desenho do colega, transformando aquelas formas iniciais em algo novo, um personagem, uma cena, um objeto ou qualquer ideia que surgir da observação.

A proposta busca estimular o olhar criativo e a capacidade de perceber possibilidades nas criações dos outros, incentivando o respeito, a escuta e a valorização das ideias alheias. Além disso, é uma forma de mostrar que o processo de criação artística pode ser coletivo e que, quando compartilhamos nossas produções, abrimos espaço para novas interpretações e sentidos.

Figura 19 – Joana Xavier, “Páginas de atividade: O que pode ser essa forma?”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

Por último, percebi que estava faltando incluir uma atividade em que eu pudesse apresentar um artista ao leitor, já que, ao longo do livro, eu havia escolhido apenas a artista brasileira Tarsila do Amaral como referência. Dessa vez, porém, quis trazer algo diferente e optei por apresentar o artista Jackson Pollock.

Mas por que o Pollock, se a proposta inicial era trabalhar apenas com artistas brasileiros? Escolhi ele por ser um dos grandes nomes da pintura abstrata e por acreditar que trabalhar esse tipo de linguagem com as crianças é muito interessante. Muitas vezes, elas ainda têm uma visão limitada ou “engessada” sobre o que é bonito, o que é desenho e o que é arte. Ao conhecer um artista como Pollock, que cria a partir do gesto, do movimento e da espontaneidade, elas percebem que a arte vai muito além de representar algo “perfeito”.

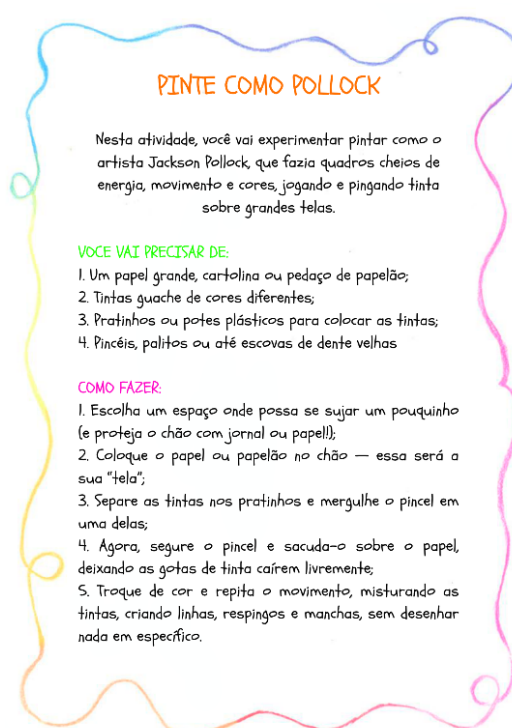
Além disso, considero interessante o fato de o Pollock utilizar o corpo como parte do processo criativo. Ele não se limitava ao pincel tradicional: caminhava em volta da tela, salpicava, gotejava e deixava a tinta fluir de forma quase performática. Trazer essa abordagem para o contexto da educação infantil é muito legal, porque as crianças gostam de atividades em que o corpo e o movimento entram no jogo.

A atividade, intitulada “Pinte como Pollock”, na Figura 20, propõe justamente essa experiência. A ideia é disponibilizar um papel grande, como uma cartolina ou

folha de papel pardo, permitindo que as crianças pintem individualmente ou em grupo, e incentivar que explorem o movimento e a espontaneidade. Nas instruções, oriento que mergulhem o pincel no potinho de tinta e o sacudam sobre o papel, observando os respingos e as marcas que se formam.

Mais do que o resultado final, o objetivo é proporcionar uma experiência de criação, na qual as crianças possam se soltar, experimentando o corpo e os movimentos para descobrir novas formas de fazer arte.

Figura 20 – Joana Xavier, “Páginas de atividade: Pinte como Pollock”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

Acredito que as propostas escolhidas para compor o livro contribuem significativamente para que as crianças ampliem seu olhar sobre as possibilidades do desenho e sobre o que pode ser considerado uma forma de desenho. Procurei, ao máximo, evitar atividades monótonas ou previsíveis e, em vez disso, explorar o conceito de que desenhar vai muito além de traçar linhas com lápis no papel, o desenho pode surgir do corpo, das texturas, das manchas e de qualquer gesto criativo que carregue intenção.

Busquei também propor experiências que despertem a curiosidade e o prazer de criar, valorizando tanto o processo quanto o resultado. A ideia é que cada atividade

convide as crianças a pensar, experimentar e descobrir novas maneiras de ver o mundo através do desenho.

Por fim, nas últimas duas páginas do livro, optei por incluir uma breve descrição dos artistas mencionados ao longo da obra, além de apresentar um pequeno texto sobre as pinturas citadas. Essa parte final tem o objetivo de contextualizar as referências utilizadas e permitir que o leitor — seja ele criança, educador ou responsável — possa conhecer um pouco mais sobre os artistas, suas obras e o modo como cada um deles inspira as propostas presentes no livro.

CAPÍTULO III

RELATO DA OFICINA

3.1 Ação de Extensão: Contação da história “Pedro, o artesão”.

A oficina foi realizada na escola Educandário Coração de Maria, no dia 17 de outubro de 2025, com as turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, como parte de um projeto de extensão “Rádio Digital Coração: Ondas de Educação, Arte e Cultura” e para realização dessa oficina, contei com a ajuda da minha colega Julia Fernandes Pereira, licencianda em Artes Visuais e bolsista do projeto. A atividade consistiu na contação da história “Pedro, o artesão”, seguida da realização de atividades propostas ao longo do livro.

O objetivo da oficina, assim como a do livro, é incentivar a criação, o exercício do desenho e, através do desenho, eles sejam capazes de refletir sobre si e sobre o mundo. Por se tratar de atividades mais simples e apenas de desenho, os materiais utilizados foram folhas, lápis e canetinhas de colorir.

Na primeira turma, do 4º ano, as crianças tinham entre 10 e 11 anos. A contação da história e a parte prática tiveram duração de 1 hora e 40 minutos. Foi muito interessante observar as reações das crianças durante a contação da história; procurei interagir constantemente com elas para descobrir se eles se identificavam com o personagem principal, e para minha alegria, muitos se reconheceram em Pedro.

Um dos momentos mais marcantes foi quando apresentei a parte em que a narrativa descreve que Pedro gosta de subir em árvores para comer as frutas, brincar na lama e escalar portas e paredes de casa, vários alunos se empolgaram e compartilharam experiências parecidas. Uma das meninas, em especial, ficou extremamente animada ao ver o desenho de um dinossauro no livro, pois segundo ela, amava dinossauros, tinha brinquedos e até um pijama de dinossauro. As imagens das Figuras 21 e 22, ilustram um trecho da oficina desenvolvida no Educandário, no momento em que estava fazendo a contação da história, alguns alunos quiseram interagir e olhar de pertinho as ilustrações.

Figura 21 – Joana Xavier, “Contação da história no Educandário coração de Maria, 4º ano”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 22 – Joana Xavier, “Crianças interagindo com a contação da história, 4º ano”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

A turma, acredito que por ser mais jovem, mostrou-se um pouco mais agitada e concluiu as atividades com certa rapidez. Acredito que faltou um pouco de objetividade nas instruções das tarefas, o que pode ter contribuído para esse ritmo acelerado, e também clareza nas perguntas motivadoras, visto que algumas crianças, na proposta “Com o que você sonha?” desenharam o que tinham sonhado à noite. Na Figura 23, está um exemplo disso, onde o menino desenhou, nas palavras dele um ataque de baratas onde “uma barata gigante apareceu e comeu meu irmão”

Figura 23 - “Com o que você sonha?”, desenho de um aluno do 4º ano.



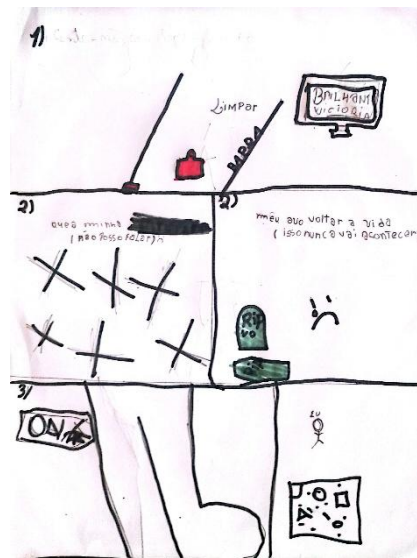
Fonte: Acervo Pessoal.

Apesar de não ter sido exatamente como o esperado, isso foi bom para reconhecer os pontos positivos e negativos do livro, agora tenho consciência do que posso melhorar e pensar novas formas de organizar as propostas de atividades do livro.

Para essa atividade, propus que cada aluno escolhesse qual das propostas gostaria de realizar, entre as seguintes opções: “Conte-nos com desenhos o que você gosta de fazer quando está em casa”, “Com o que você sonha?” e “Como você seria se estivesse no universo de Tarsila? Faça um autorretrato inspirado na obra Abaporu.” Eles tinham a opção de escolher uma ou até as três propostas. Foi muito engraçado que, ao saberem que teriam que desenhar, alguns reagiram exatamente como o personagem Pedro, alguns disseram que não sabiam desenhar ou não gostavam, e nesse momento aproveitei para comentar que Pedro também se sentia assim.

Os resultados foram bem diversos e durante a realização das atividades surgiram relatos muito espontâneos. Todos os estudantes participaram ativamente da proposta, exceto uma. Uma das meninas compartilhou através dos seus desenhos, exposto na Figura 24, que gostava de limpar a casa e expressou, através da pergunta motivadora “com o que você sonha?” que sentia saudade do seu avô. Senti que essa estudante aprofundou-se um pouco mais na tarefa e levou pra um lado mais emocional.

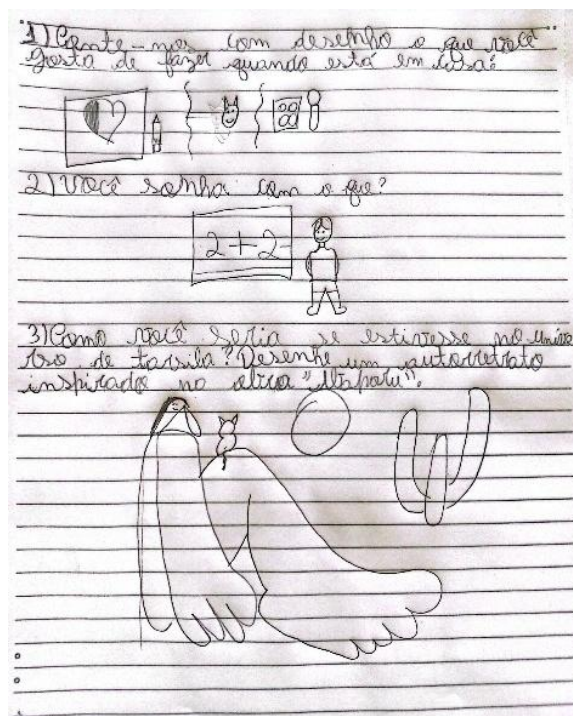
Figura 24 – “Desenhos diversos relacionados à todas as questões motivadoras”, desenho de uma aluna do 4º ano.



Fonte: Acervo Pessoal

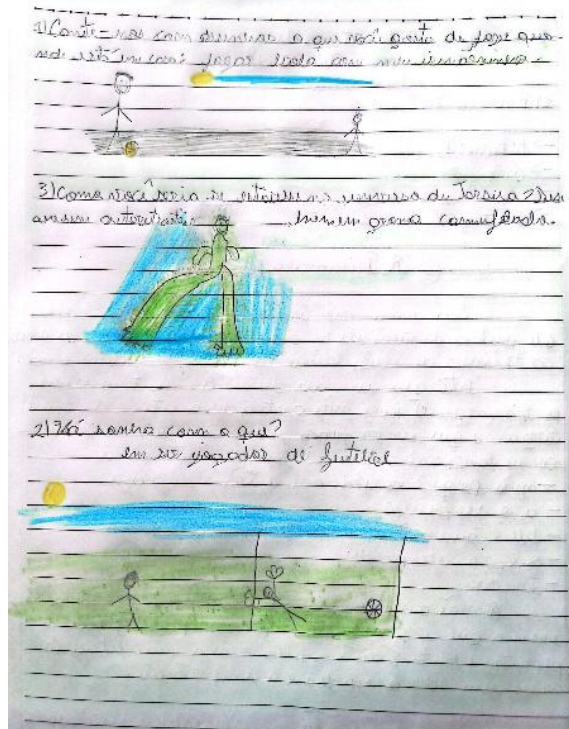
Por outro lado, alguns estudantes optaram por representações mais simples, como mostram as imagens das Figuras 25 e 26. Na Figura 25, por exemplo, a estudante descreve que gosta de desenhar, brincar com seu gatinho, maquiar-se e sonha em ser professora. Já na Figura 26, outro estudante mostra que gosta de jogar futebol com o irmãozinho e sonha em ser jogador profissional.

Figura 25 – “Desenhos respondendo às questões motivadoras”, desenho de uma aluna do 4º ano.



Fonte: Acervo Pessoal

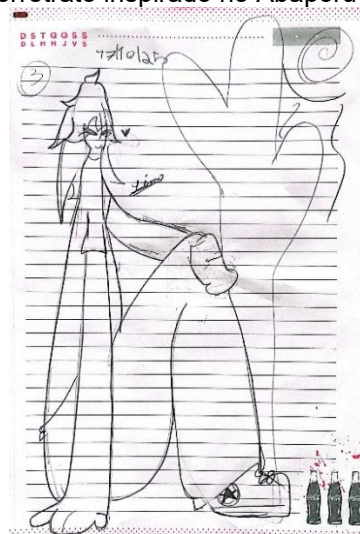
Figura 26 – “Desenhos de um menino que sonha em ser jogador de futebol”, aluno do 4º ano.



Fonte: Acervo Pessoal.

Como a atividade foi deixada livre, alguns optaram por realizar apenas o autorretrato inspirado na obra *Abaporu*, de Tarsila do Amaral. Isso pode ser observado na Figura 27, que considero uma das produções mais interessantes, pois atinge plenamente os objetivos propostos: a aluna conseguiu expressar de forma clara sua identidade por meio do autorretrato.

Figura 27 – “Autorretrato inspirado no *Abaporu*”, aluna do 4º ano.



Fonte: Acervo Pessoal.

Na segunda turma, composta por alunos do 5º ano, com idades entre 11 e 12 anos, tivemos mais tempo para a contação da história e para a parte prática, totalizando cerca de duas horas de atividade. Imaginei que seria uma experiência bem diferente, já que se tratava de uma turma de pré-adolescentes — pensei que talvez não se interessassem tanto pela história ou considerassem a proposta entediante. Para minha surpresa, reagiram bem: não tanto quanto a turma anterior, mas prestaram atenção à contação da história e participaram das atividades. Essa turma também se identificou com o fato de Pedro ser arteiro e não gostar muito de desenhar, o que reforçou um dos objetivos principais do projeto. Abaixo estão as Figuras 28 e 29, que ilustram o momento da contação da história para o 5º ano.

Figura 28 - Joana Xavier, “Contação da história no Educandário coração de Maria, 5º ano”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 29 – Joana Xavier, “Estudantes do 5º ano, processo de desenvolvimento da atividade”, 2025.

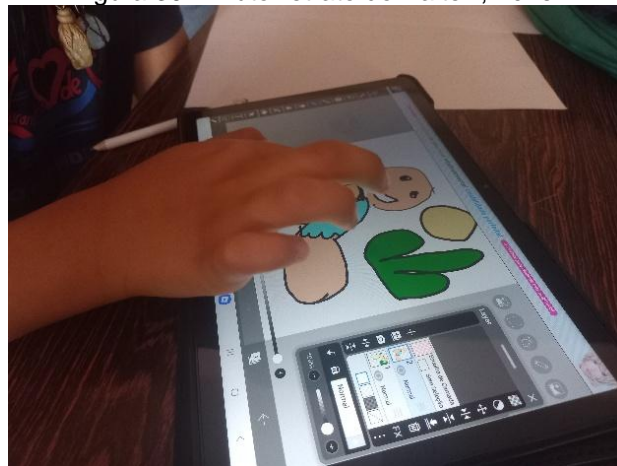


Fonte: Acervo Pessoal.

Por se tratar de uma turma com estudantes mais velhos e considerando a experiência anterior, eu e Julia decidimos modificar a atividade, tornando-a mais desafiadora e que exigisse um tempo maior de execução. Assim, propusemos que criassem uma história a partir das perguntas motivadoras e realizassem desenhos para ilustrá-la.

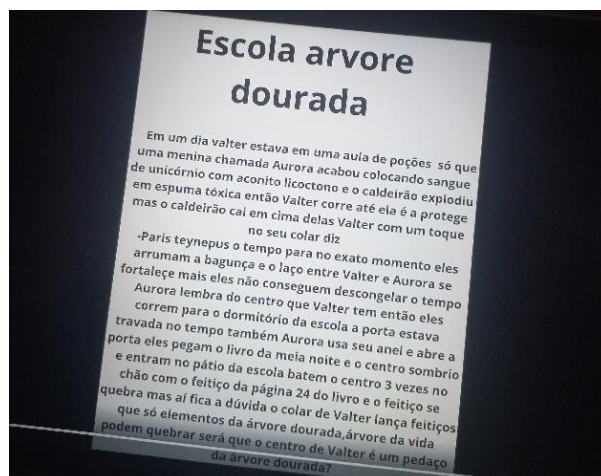
Para essa proposta, utilizamos tablets e aplicativos de desenho e design. A participação foi bastante ativa e os resultados, muito criativos. Foi divertido observar as histórias que eles criaram. Nas Figuras 30 e 31, por exemplo, estão a história e o desenho de Valter. Como ele tem interesse por cristais e magia, sua narrativa girou em torno desse universo, incluindo elementos como encantamentos, a árvore dourada da vida e um colar mágico. Essa foi uma das histórias de que mais chamou minha atenção, tanto pela criatividade quanto pelo fato de ter vindo de um estudante que inicialmente não queria participar. Sua capacidade criativa e de escrita me impressionou.

Figura 30 - “Autorretrato do Valter”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

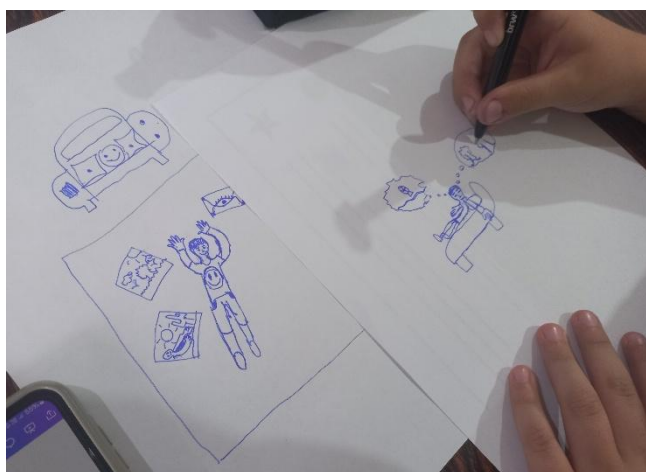
Figura 31 - “História de Valter”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

Grande parte das histórias se relacionam, de alguma forma, com os gostos e sonhos pessoais das crianças. A ilustração da Figura 32 mostra a história de Roberto, um menino que gostava de desenhar em casa, mas achava que seus desenhos ficavam “mais ou menos”. O personagem também sonhava com temas ligados à natureza e ao mar. Acredito que esse estudante tenha interpretado a pergunta de maneira diferente, talvez fosse mais interessante se ela tivesse sido formulada de forma mais literal.

Figura 32 - “Desenho de um aluno do 5º ano”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

Outros trabalhos que chamaram minha atenção foram os das Figuras 33 e 34. Tenho muito interesse pelo desenho infantil, pois como afirma Hebert Head:

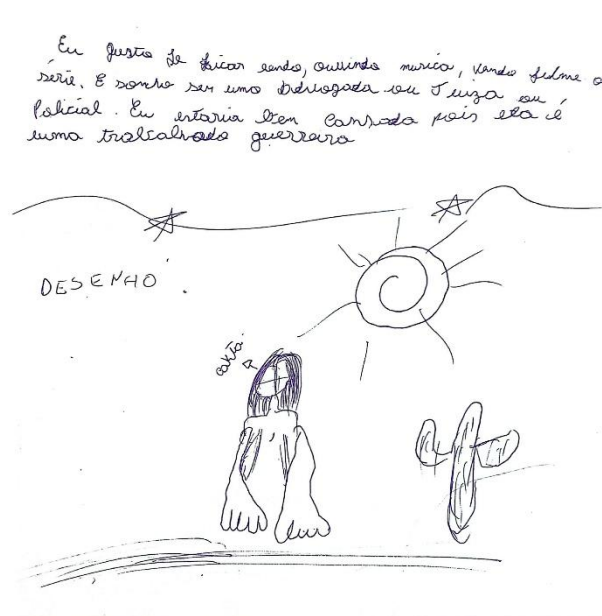
A arte de uma criança (...) é seu passaporte para a liberdade, para a fruição plena de todos os seus dotes e talentos, para a sua felicidade verdadeira e estável na vida adulta. A arte transporta a criança para fora de si mesma. Pode começar como uma atividade individual solitária, a exemplo dos rabiscos num pedaço de papel (...). Mas a criança rabisca de modo a comunicar seu mundo interior a um espectador receptivo (...). (Read, 1986, p. 46):

Figura 33 – “Desenho de Alice e Nicolly”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 34 – “Autorretrato e história de uma aluna do 5º ano”, 2025.



Fonte: Acervo Pessoal.

De modo geral, a oficina possibilitou observar como o desenho se constitui como linguagem expressiva e afetiva entre as crianças. As produções revelaram não apenas aspectos técnicos, mas principalmente simbólicos, relacionados aos sentimentos e experiências individuais das crianças. A experiência reforçou a

importância de propor atividades abertas, que valorizem a autonomia e a imaginação, permitindo que cada estudante manifeste sua subjetividade.

A partir dessa experiência, foi possível reconhecer pontos a serem aprimorados na proposta do livro, especialmente quanto à clareza das perguntas motivadoras e à adequação das instruções para diferentes faixas etárias. Ainda assim, os resultados evidenciam o potencial do projeto como instrumento de sensibilização estética e de estímulo à criação artística infantil. Senti que o livro cumpriu parte de seu propósito ao despertar o interesse pelo desenho, mas que ainda posso melhorá-lo futuramente.

Essa experiência contribuiu de forma significativa para minha formação como arte-educadora e para o aprimoramento do projeto. Inicialmente, senti um certo nervosismo por se tratar da primeira turma a ter contato com o livro, porém o resultado foi bastante satisfatório e trouxe aprendizados e reflexões valiosas, que serão consideradas para aprimorar o projeto futuramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais – Licenciatura teve como foco o estudo do desenho e sua importância como incentivador do olhar artístico da criança, a partir da criação de um livro infantil voltado à experimentação em desenho. Partindo da ideia de que toda criança desenha e que, antes mesmo de aprender a escrever, utiliza o desenho como forma de comunicação, o trabalho buscou valorizar essa linguagem visual como meio de aprendizagem.

Este trabalho possui um caráter autobiográfico, pois reflete minha própria relação com o desenho desde a infância, uma experiência que foi determinante para a escolha do tema e para o desenvolvimento do projeto. A proposta de compreender o desenho como ferramenta de aprendizado e como estímulo para novas formas de perceber o mundo surgiu das minhas experiências em sala de aula, onde observei que muitos alunos se consideravam incapazes de desenhar. Essa constatação reforçou o desejo de criar um material que incentivasse a experimentação e o olhar sensível sobre o ato de desenhar.

A realização deste trabalho foi uma experiência extremamente importante mas também muito desafiadora para mim. Consegui alcançar um resultado muito próximo do que esperava, embora reconheça que o projeto ainda precisa ser aprimorado, e que pretendo continuar desenvolvendo futuramente. Gostei especialmente do processo de criação das ilustrações e da elaboração da história, pois foi um momento onde senti que estava colocando em prática o que aprendi ao longo do curso, além de o desenho ser minha forma favorita de arte visual.

A oficina realizada com as crianças foi um dos pontos mais significativos da pesquisa, permitindo vivenciar na prática as reações e descobertas do público ao qual o projeto se destina. Foi a partir da oficina que identifiquei aspectos que podem ser melhorados no projeto.

De modo geral, considero que este trabalho representa um marco importante na minha trajetória acadêmica e pessoal, reunindo experiências, reflexões e descobertas que certamente continuarão influenciando minha prática como educadora e artista visual.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE FILHO, Paulo. **Registros arqueológicos medievais feitos por uma criança**. HistóriaBlog, 20 fev. 2017. Disponível em: <https://historiablog.org/2017/02/20/registros-arqueologicos-medievais-feitos-por-uma-crianca/>. Acesso em: 28 jul. 2025
- BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da. **Abordagem triangular no ensino das artes e cultura visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, A. M. T. B. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: cultrix. 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo**. 3ª Ed. – São Paulo: Panda Educação, 2020. E-book. Disponível em: <https://pt.everand.com/read/546707580/Formas-de-pensar-o-desenho>. Acesso em: 31 out. 2025.
- EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da Arte**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- IABELBERG, Rosa. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013. E-book. Disponível em: <https://pt.everand.com/read/405799672/Desenho-na-educacao-infantil>. Acesso em: 31 out. 2025.
- LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. Colaboradores: Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira; organização e supervisão de Lya Luft. São Paulo: Ática, 2000.
- READ, H. Educação nas coisas. In:_____. **A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1986.
- REYNOLDS, Peter H. **The Dot**. Figueira da Foz: Editora Bruaá, 2009.